

HBB não atende a quem precisa de tomografia

DF - Saúde

Um acidente que resulte em traumatismo craniano é sempre um acontecimento traumático e pode tornar-se ainda mais grave se o paciente precisar de atendimento aos domingos no pronto-socorro do Hospital de Base de Brasília (HBB), onde não existe um tomógrafo computadorizado — aparelho usado para localizar possíveis edemas no crânio.

Este fato já foi constatado por diversas pessoas, entre elas a funcionária pública Elza Maria de Mendonça Pamplona, cujo filho de 12 anos, Vitor, acabou falecendo há cerca de dois meses depois de cair de uma bicicleta sofrendo em consequência da queda traumatismo craniano.

Vitor foi levado às pressas para o pronto-socorro do HBB mas teve que submeter-se a uma artereografia — exame de risco para o paciente alérgico ao contraste que é usado — porque não havia um tomógrafo no local. Dias depois o menino acabou falecendo na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Regional da Asa Norte, para onde foi transferido.

Há duas semanas, domingo, a família do diplomata Afonso Celso de Souza Marinho Nery, 27 anos, viveu drama semelhante ao de Elza Pamplona. Após sofrer um acidente de carro na madrugada de domingo, ele foi levado em estado de coma para o pronto-socorro do HBB apresentando traumatismo craniano.

De acordo com o chefe do gabinete da senadora Eunice Michiles (PFL/AM), Haroldo Michiles, o médico que atendeu Afonso Celso solicitou a realização imediata de uma tomografia computadorizada. "A partir deste momento ampliou-se o nosso drama", contou Haroldo, grande amigo do diplomata.

Uma vez constatado que o HBB não dispunha de um tomó-

grafo e os outros dois aparelhos existentes em Brasília — um no hospital Sarah Kubitschek e outro no Hospital das Forças Armadas — estavam com defeito, a família do diplomata decidiu apelar para o proprietário do Centro Radiológico de Brasília, o médico Wilson Eliseu Sesana, que também é chefe da unidade de radiologia do HBB. Para surprender a falta do tomógrafo a Fundação Hospitalar mantém convênio com o Centro Radiológico, gastando cerca de Cr\$ 40 milhões por mês em tomografia.

— Por ser domingo o doutor Sesana negou-se a abrir o Centro Radiológico, frisando que só poderia dirigir-se ao local por volta das 16 horas — disse Haroldo. Acrescentou que diante da negativa do médico, sua mãe, a senadora Eunice Michiles, decidiu interferir em benefício de Afonso Celso, mas obteve um não como resposta. A embaixatriz Lúcia Flecha de Lima, esposa do Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores, Paulo de Tarso, também fez o mesmo pedido a Sesana, e novamente a resposta foi não.

— Só através da interferência do próprio Secretário de Saúde, Carlos Mosconi, que falou também em nome do governador José Aparecido, Sesana decidiu abrir o Centro, por volta das duas da tarde, quando o primeiro pedido foi feito às sete da manhã — acrescentou Haroldo Michiles.

— Ele foi mais além ao afirmar que o proprietário do Centro Radiológico, além de cobrar Cr\$ 1 milhão e 600 mil pela tomografia, cobrou mais Cr\$ 1 milhão e 200 mil pelo fato de abrir o Centro numa tarde de domingo. Esta quantia, conforme Haroldo, foi paga pelo Itamarati, que tem a posse do recibo. O problema só foi resolvido quando o diplomata foi para o Rio.